



UMA CENA POUCO “MALUQUINHA”: apontamentos sobre relações de gênero e sexualidade

UNA CENA POCO “POLILLA”: apuntes sobre relaciones de género e sexualidad

A SCENE LITTLE “NUTTY”: notes about gender and sexuality

Marta Friederichs¹
Rosângela Soares²

RESUMO

Este texto, ao tomar como ponto de apoio uma cena de um audiovisual, promove um exercício de pensamento sobre temas como violência e diversidade de gênero e sexualidade no cotidiano da educação básica. Mesmo que esses temas não sejam recentes, são ainda relevantes e necessários de serem pensados e discutidos na (e com a) escola. Para tanto, a partir da Análise Cultural, pontuamos que em um tempo de profundas mudanças sociais, culturais e estéticas não é possível discutir educação, violência e diversidade sem problematizar tais mudanças e os impactos disso nos sujeitos sociais. Permanece a questão: o que tem impedido que as discussões sobre gênero e sexualidade se efetivem no contexto escolar?

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Relações de gênero. Sexualidade. Violência.

RESUMEN

Este texto, teniendo como punto de soporte una cena audiovisual, promueve el ejercicio de pensar sobre temas como la violencia y la diversidad de género y sexualidad en la vida cotidiana de la educación primaria. Estos temas no son nuevos, pero son aún pertinentes y necesarios para ser pensados y discutidos en la escuela. Para ello, a partir de la Análisis Cultural, apuntamos que en un momento de profundos cambios sociales, culturales y estéticos no es posible hablar de educación, violencia y diversidad sin discutir esto y los impactos de la misma en sujetos sociales. Así, la pregunta sigue siendo: ¿Qué ha impedido que los debates sobre género y sexualidad estaban presentes en el contexto escolar?

PALABRAS-CLAVE: Educación. Relaciones de género. Sexualidad. Violencia.

¹ Doutora em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, Brasil.

² Doutora em Educação e professora da UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil.

ABSTRACT

This text, while taking audiovisual scene, promotes an exercise of thinking about violence and diversity of gender and sexuality in the daily life of primary education. These themes are not recent, but they are still relevant and needed to be discussed in (and with) school. So, close to Cultural Analysis, we appoint that at a time of profound social, cultural and aesthetic changes it is not possible to discuss education, violence and diversity without discussing such changes and the impacts of it in social subjects. So, a question remains: what has prevented that discussions about gender and sexuality are present in the school context?

KEYWORDS: Education. Gender relations. Sexuality. Violence.

Introdução

Este texto, ao tomar como ponto de apoio uma cena de um audiovisual, procura promover um exercício de pensamento sobre os temas de violência e diversidade de gênero e sexualidade no cotidiano da educação básica a partir das seguintes questões: O que um artefato cultural pode nos sugerir sobre gênero e sexualidade na infância? Como fazer reverberar essas questões em sala de aula?

Desse modo, guardando proximidades com a Análise Cultural, para mobilizar as discussões aqui propostas, operamos com uma cena do episódio 11 da série de televisão *Um Menino muito Maluquinho*, intitulado *Azul e Rosa*³. Esta série, realizada em 26 episódios, é inspirada no livro, *Menino Maluquinho*, do escritor, cronista e cartunista Ziraldo, que conta das aventuras e descobertas da personagem Maluquinho. Os episódios para a televisão foram adaptados por Anna Muylaert e Cao Hamburger e produzidos, em 2006, pela TVE Brasil⁴. A série estreou, na TVE Brasil e na TV Cultura, em março de 2006, sendo exibida até julho do mesmo ano. Em dezembro de 2006, a mesma série foi veiculada no canal de TV por assinatura, *Disney Channel*. Atualmente é exibida pela TV Escola, às quartas feiras, às 10:10 da manhã, com reprise aos sábados às 11:10 da manhã. Todos os episódios estão disponíveis, na íntegra, no *site You Tube*.

Educação, violência, gênero e sexualidade não são temas recentes, o que não significa que sejam temas fáceis ou que estejam suficientemente debatidos. Talvez uma

³ Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=s6UFjUFtCcM>. Último acesso em 27 de janeiro de 2018.

⁴ Atualmente, os direitos da série pertencem à TV Brasil.

das primeiras coisas que se possa afirmar quando se trata de gênero é que esse marcador social, entre outros marcadores, como raça/etnia, orientação sexual, classe social, geração, só para citar alguns, implica em diferenças e distinções vividas, não raras vezes, de forma conflitiva e/ou violenta, configurando um dos importantes pontos de tensão no espaço escolar. Dessa forma, o desafio de sensibilizar educadoras/es para tais temáticas é um exercício ético e político.

Peter Pál Pelbart (2009, p. 119) conta que Franco Beraldi ao comentar a frase que foi muito repetida logo após a queda das torres gêmeas: “parece um filme de ficção”, apontou que na esteira desta frase faz-se possível pensar que os audiovisuais veiculam cenas possíveis de se realizarem. Assim, o autor nos convida a compreender os audiovisuais nesta direção, “não como a representação de um estado de coisas, embora possa(m) ser também isso, mas como câmara da produção da realidade por vir”. Assumimos, aqui, esta provocação a fim de pensar os audiovisuais como uma ficção que suscita e reitera algumas de nossas próprias ficções. Apostamos que há várias cenas interessantes e produtivas neste episódio, Azul e Rosa, para pensar as diferenças na escola contemporânea. O que propomos aqui é problematizar os saberes que circulam na nossa cultura sobre gênero, violência e sexualidade em conexão com os significados construídos no episódio selecionado.

Uma cena bastante azul e rosa

*Flash back*⁵.

A turma, com cinco anos de idade, entra correndo e gritando na sala de aula. A professora⁶ diz para as crianças pegarem a sua cadeira para se sentarem em círculo. Em *big close*, a professora lança uma questão para começar a aula:

- “Alguém sabe a principal diferença entre meninos e meninas?”.

Com *close* na criança que fala, aparecem algumas respostas:

-“Menino tem cabelo curto.”.

-“Menina tem cabelo comprido.”.

Corte.

⁵ Esse episódio da série vale-se do recurso de *flash back*. Ou seja, alterna momentos da vida do Maluquinho e de seus/uas colegas, com dez anos de idade, com momentos de suas vidas quando tinham cinco anos.

⁶ Interpretada pela atriz Juliana Nasciutti.

Aparece a imagem de um menino de cabelos longos e uma menina de cabelos curtos e a voz da professora, em *off*⁷, questionando:

- “Quem não conhece o Caio da quinta B e a Ana Beatriz da segunda série⁸?”.

Em plano próximo⁹ a professora explica que nem toda a menina tem cabelo comprido e nem todo o menino tem cabelo curto. As crianças falam de outras diferenças, como meninos gostarem de carrinhos e meninas de bonecas, meninas gostarem de rosa, meninos de azul, meninas de histórias de princesas, meninos de monstros... A professora diz que “há uma diferença ainda maior” então o Maluquinho¹⁰, que estava com a colega Julieta embaixo de uma mesa, sai e fala:

- “Menino tem ‘pingulim’ e menina não tem.”.

A câmera, em *travelling*, mostra as crianças dando gargalhadas perante a resposta do Maluquinho. A professora, então, explica:

- “Em toda a natureza tem sempre um macho e uma fêmea e daí eles se atraem como um ímã porque precisa de um macho e de uma fêmea para eles terem filhotinhos.”.

Para exemplificar, mostra algumas figuras de animais:

- “O leão e a leoa, o elefante e a elefoa, o porquinho e a porquinha, o gatinho e a gatinha...”.

Levando-se em conta a cena acima narrada, em *flash back*, quando a professora instiga seus/as alunos/as, com cinco anos de idade, a pensar as diferenças entre meninos e meninas, é possível observar o quanto essas crianças, personagens dessa série de TV, como efeito de relações de poder, práticas e discursos, já compreendem e aplicam esta lógica binária de ser e estar no mundo. Assim, relatam essas diferenças pautadas no gênero que o corpo expressa. Para as meninas, é esperado, ter cabelos compridos, gostar de bonecas, de cor de rosa e de histórias de princesas. Para os meninos, ter cabelos curtos, gostar de carrinhos, de azul e de histórias de monstros. Situações perturbadas quando a cena tem um corte para mostrar Caio, que tem longos cabelos, e Ana Beatriz, que tem os cabelos curtos, e pelo *close* em uma colega que gesticula um “não” com os dedos das mãos para discordar do fato de apenas os meninos gostarem de carrinhos. Ela considera que a principal diferença entre meninos e meninas está no fato de os meninos

⁷ *Off* - Vozes ou sons presentes sem se mostrar a fonte emissora.

⁸ O nome deste ator e desta atriz não são informados ao final do episódio.

⁹ Plano Próximo - Enquadramento da figura humana da metade do tórax para cima.

¹⁰ Personagem interpretado, na fase dos cinco anos, pelo ator Felipe Severo.

gostarem de azul e as meninas de cor de rosa. Desencadeia-se um debate entre as crianças.

Diante da hipótese de a diferença estar no gosto oposto para histórias infantis, a professora provoca lembrando que “há uma diferença ainda maior”. Então, o Maluquinho diz “Meninos têm ‘pingulim’ e meninas não”, afirmação que remete à morfologia dos corpos. A professora aproveita a fala do Maluquinho e lança mão de um artefato cultural para mostrar uma série de figuras: o gatinho e a gatinha, o elefante e a elefoa, o leão e a leoa... Para mostrar às crianças que “em toda a natureza tem sempre um macho e uma fêmea” que “se atraem como um ímã porque precisa de um macho e de uma fêmea para eles terem filhotinhos”. Diante deste modo de ensinar que apresenta a heterossexualidade como a norma, e não fala de outros animais que se reproduzem de modos diversos, como, por exemplo, a minhoca, o cavalo marinho, o camarão, quais jogos de verdade estão postos? Que verdades sobre o corpo estão presentes na explicação da professora? Será a ideia de um corpo, ou determinadas partes dele, como o eixo que define nosso lugar no mundo?

Para Judith Butler (2003), as normas que dão inteligibilidade aos corpos são estruturadas a partir de uma matriz que garante, ao mesmo tempo, a diferenciação binária entre masculino e feminino e a heterossexualidade compulsória. Para esta autora, são as posições de gênero, assumidas em atos insistentemente repetidos, que garantem legibilidade e inteligibilidade aos corpos, aos sujeitos. Ao acordar que somos o efeito de práticas, de relações de poder, dos discursos que vigoram em uma determinada época, passamos a esperar determinados modos, gestos, falas, funções e atitudes desiguais para meninos e meninas. Expectativas que ainda direcionam as práticas pedagógicas, que diferenciam os sujeitos em meninas e meninos, que desqualificam certos comportamentos que escapam dessa ordem dos gêneros.

Utilizar artefatos culturais pode ser uma boa alternativa para produzir recursos didático-pedagógicos para falar de gênero e sexualidade na sala de aula. Muito mais do que utilizar os artefatos para reiterar verdades, devemos lançar mão deles para suspeitar destas verdades, para pensar a diversidade. Educar não é reiterar normas e verdades, mas sim ensinar a questioná-las. Questionar e desestabilizar verdades causa desconforto. O/a professor /a está preparado para lidar com este desconforto? Com a tensão que pode emergir de pais e mães?

As falas e experiências partilhadas por cursistas de um curso intitulado Gênero e Diversidade na Escola: sexualidade, violência, olhares sobre práticas contemporâneas

(GDE)¹¹, apontaram a escola como um lugar fortuito para se pensar e problematizar as relações de gênero, a (hetero)sexualidade, as diferenças. Uma das principais dificuldades relatadas pelos/as cursistas consistiu, justamente, na dificuldade em perceber as desigualdades no tratamento de meninos e meninas. É comum a/o professor/a afirmar que na escola todas as pessoas são tratadas de modo igualitário. No entanto, ao se apontar e tensionar essas situações rotineiras, percebe-se uma expectativa desigual em relação ao comportamento de meninos e meninas, de professor e professora, de pais e de mães. Como sensibilizar a/o professor/a para olhar meninos e meninas e observar se esse olhar se caracteriza pela desigualdade? Será que o/a professor/a da educação básica consegue aguçar o olhar para ver esses modos desiguais de tratar os sujeitos?

Ao retornar para as imagens utilizadas pela professora do Maluquinho é possível pensar também o quanto esses pares acenam para os ideais do amor romântico. E o encontro do par amoroso parece estar atrelado à procriação, ou seja, à maternidade e à paternidade. Ao reiterar que “em toda a natureza tem sempre um macho e uma fêmea” a professora apresenta a heterossexualidade como único modo de procriação. Figuras onde a fêmea parece estar sendo aconchegada e protegida pelo macho. Assim, reitera e ensina este sistema binário de corpos e gêneros que tem a heterossexualidade como a norma. Corpos, gêneros e (hetero)sexualidade que por serem normativos adquirem também o caráter de “naturais”. Esse sistema binário, que produz e reitera, compulsoriamente, a norma heterossexual, faz esquecer que existem possibilidades outras de viver os prazeres, os relacionamentos, de viver a maternidade e a paternidade. Situações que fazem relevante questionar: quais modos de relacionamento são excluídos e silenciados por estes pares binários? Será que hoje estas representações ainda dão conta? Qual atitude tomar se o menino resolve brincar apenas com as meninas? Se o menino resolve querer se maquiagem com as meninas? Se a menina resolve querer brincar as brincadeiras de meninos? Qual a reação do/a professor/a ao encontrar duas crianças se beijando na boca?

¹¹ O curso, na modalidade de Educação à Distância (EAD), foi direcionado para professores/as da educação pública do estado do Rio Grande do Sul. O curso foi organizado e executado pelo Grupo de Estudos em Educação e Relações de Gênero – GEERGE, através do Centro de Formação Continuada de Professores – FORPROF/UFRGS e teve como objetivo introduzir temáticas de gênero e sexualidade, bem como discutir a sua relação com a violência, a fim de sensibilizar educadores/as para a abordagem das mesmas em suas práticas pedagógicas. Podemos afirmar que um dos pontos importantes dessa formação foi perceber como estes temas ainda são relevantes e necessários de serem discutidos e pensados na (e com a) escola.

Não há respostas prontas, o que há é uma possível necessidade de ampliar tempos escolares para o cultivo das curiosidades e para a manifestação das dúvidas e questões que não necessariamente precisam de respostas, mas precisam de espaços para serem formuladas, pensadas e impulsionadas. Talvez uma das dificuldades resida no fato de que a “naturalidade” da sexualidade e do gênero seja algo quase inquestionável. Ambos são ainda considerados, inclusive no âmbito escolar, atributos dados, essenciais a uma suposta natureza humana. Parece haver um receio em tratar desses temas e, sobretudo, medo de contrariar as famílias. A tensão entre público e privado, entre escola e família pode provocar uma paralisia.

A função da escola, para além de impor formas e comportamentos, que podem tanto estar de acordo ou ir de encontro às convicções pessoais e familiares, é o de promover respeito, pois a escola como um espaço público é principalmente um local de convivência entre diferentes. Diariamente, a escola é o cenário de inúmeros casos de violência, desde as mais evidentes como socos e pontapés, até as mais invisíveis como *bullying* e assédio moral. O motivador da maioria delas é o preconceito. Diante dessas violências, em geral, a única abordagem da escola é a repressão e/ou a omissão, muitas vezes culpando a vítima por seu comportamento que “provocou” a agressão. Além disso, muitas dúvidas e dificuldades ainda persistem no que diz respeito à forma como essa temática deva ser abordada pelos/as professores/as. Seriam elas questões que importam? Não deveriam ser discutidas apenas no âmbito familiar? Como vinculá-las aos conteúdos tradicionais? Estariam os/as professores/as preparados/as para os debates concernentes à violência de gênero e sexualidade? Como fazer ver comportamentos violentos muitas vezes disfarçados pelas posições de gênero? Que momento é momento adequado para se falar desses temas com os/as alunos/as?

Para finalizar

Ao finalizar este texto podemos retomar algumas premissas que ainda acreditamos devam ser lembradas para nortear o trabalho pedagógico. Dentre essas temos, por exemplo, a convicção de que este é um tempo de profundas mudanças sociais, culturais e estéticas e isso gera mudanças significativas na educação. Acreditamos que não é possível discutir educação, relações de gênero e diversidade sem problematizar tais mudanças e os impactos disso nos sujeitos sociais. As formas de viver o corpo, o gênero e a sexualidade, representam uma das mudanças do nosso

tempo. As escolas precisam lidar com as novas condições culturais que vivemos. Para isso, necessitam se posicionar frente aos problemas que enfrentam como também construir processos pedagógicos que possibilitem um fazer escolar que inclua o repertório cultural de alunos/as, funcionários/as e professores/as. Há que se questionar o que tem impedido que as discussões sobre gênero e sexualidade se efetivem no contexto da educação básica?

Como um lugar de conhecimento, a escola não deve produzir o “ocultamento” em relação ao gênero e à sexualidade. A ignorância em relação a esses temas parece funcionar, como aponta Deborah Britzman (1996), como uma forma de “proteção”. A ideia é que, quanto menos os/as alunos/as souberem sobre questões relacionadas ao gênero e à sexualidade, tanto mais estarão protegidos em relação à iniciação da vida sexual, por exemplo. Incluir a diversidade na tarefa pedagógica está além do valor moral de aceitar os outros, é também parte do planejamento do/a professor/a e de sua dinâmica cognitiva. É possibilitar pensar uma sala de aula para todos/as, sem discriminação e com respeito. Colocar-se na posição do outro é a pedagogia que necessita ser incorporada ao trabalho dos/as professoras/es. São desafios da escola contemporânea.

Nosso objetivo com este texto é demonstrar o quanto ignorar o caráter socialmente construído das relações de gênero e sexualidade têm produzido violências e retrocessos no que diz respeito a uma educação igualitária. Com isso, queremos contribuir para que professore/as possam construir seu caminho de reflexões.

Referências

BRITZMAN, Deborah. O que é esta coisa chamada amor? Identidade homossexual, educação e currículo. *Revista Educação e Realidade*, Porto Alegre, v.21, n.1, p. 71-96, jan./jun., 1996.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. 236 p.

PELBART, Peter. *Vida Capital: Ensaio de biopolítica*. São Paulo: Iluminuras, 2009. 252 p.

Recebido em Maio de 2018.

Aceito em Novembro de 2018.